

MOTIVOS DE PRODUÇÃO DE PESQUISA DOS ENFERMEIROS DE PELOTAS-RS NO PERÍODO DE 1986 A 1996

[The motivation research production of nurses on the Pelotas city-RS the period of 1986-1996]

Eda Schwartz*

Hedi Crecência H. Siqueira**

Marilene Rodrigues Portella***

Sonia Maria Könzgen Meincke****

RESUMO: Estudo sobre os motivos de produção de pesquisa dos enfermeiros de um município do Estado do Rio Grande do Sul no período de 1986-1996. Utilizou-se como metodologia um questionário. Os dados obtidos demonstraram uma íntima relação com a literatura revista.

PALAVRAS CHAVE: Enfermagem; Motivação; Pesquisa em enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A produção de pesquisa e seus resultados têm um papel extremamente importante na condução e recondução de determinadas ações sociais, as quais terminam por afetar determinados grupos ou a sociedade como um todo. Torna-se, dessa forma, um compromisso social e profissional para enfermagem; o processo de produção de conhecimento que, no Brasil, é recente.

O artigo foi elaborado a partir do trabalho de um grupo de mestrandas¹ preocupadas em conhecer a produção de pesquisa dos enfermeiros do município de Pelotas no período de 1986-1996.

Ao fazer a releitura dos dados, despertou-nos interesse especial em salientar o perfil dos enfermeiros, bem como os motivos que os levaram a produzir ou não pesquisas. Dessa forma, a partir desses dados, podemos entender como se dá a construção do conhecimento, nessa profissão, no município em estudo, bem como, através dessas referências, construir a possibilidade de novos estudos nesse tema.

Embora a pesquisa seja considerada inerente à pós-graduação, ela não derivou de um processo espontâneo de crescimento da produção científica, mas sim de uma política deliberada do Estado (Elsen, Nitsche, 1994). A força da produção científica de enfermagem tem pelo menos dois pólos constantes e crescentes, quais sejam: os cursos de pós -graduação e os eventos, tais como o Seminário Nacional de Enfermagem e Pesquisa (SENPE) e o Congresso Brasileiro de Enfermagem, produção essa que nem sempre é publicada ou conhecida pelos profissionais da saúde.

Sabendo que o conhecimento não divulgado impossibilita a aplicação, a crítica e a geração de novos conhecimentos, assim como não permite identificar a evolução das produções, publicações e divulgação da Enfermagem, no espaço maior da evolução sociocultural em que elas aconteceram e/ ou acontecem, optamos por pesquisar e divulgar os motivos ou não da produção científica dos enfermeiros da cidade de Pelotas.

Pelotas possui uma estrutura de saúde quantitativa privilegiada. São duas Universidades formadoras de recursos humanos e um conjunto de serviços ambulatoriais e hospitalares, públicos e privados. O sistema de saúde local está organizado em três níveis de complexidade. No nível primário de atendimento, o município conta com 53 unidades sanitárias distribuídas entre zona urbana e rural. No nível secundário, o atendimento é realizado por ambulatórios da Secretaria Municipal de Saúde e Bem Estar; Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas; Hospital Universitário São Francisco de Paula, Sociedade Portuguesa de Beneficência e da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, além dos serviços credenciados pelo Sistema Único de Saúde. No nível terciário, o município conta com 5 hospitais gerais e 2 hospitais psiquiátricos.

Pelotas é referência na zona sul do Estado do Rio Grande do Sul, para prestação de serviços de maior complexidade como, por exemplo, nas áreas de oncologia e nefrologia.

* Enfermeira, Mestre, Docente da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFSC.

** Enfermeira, Mestre, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFSC.

*** Enfermeira, Mestre, Docente da Universidade de Passo Fundo, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFSC.

**** Enfermeira, Mestre, Docente da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UFPel

1 Trabalho apresentado por Celeste Pereira, Marilene Portella, Elaine Thumé, Hedi C.H. Siqueira, Eda Schwartz, Norlái Alves Azevedo, Ana Cláudia Vieira, Sonia M. K. Meincke, para disciplina de Metodologia da Pesquisa do Curso de Mestrado -UFSC/ REPENSUL turma II Polo II UFPel / FURg sob a orientação da Dr^a Zuleica Maria Patrício.

2 A PESQUISA NO CONTEXTO DA ENFERMAGEM

A pesquisa científica, segundo Mendes (1991), é cercada de controvérsias no sentido de que alguns a entendem como atividade prática que busca somente soluções com repercussão social, enquanto outros a consideram a base do progresso científico e cultural, e conseqüentemente, atrelada à Universidade.

Rummel (1972) conceitua a pesquisa como um inquérito cuidadoso para descobrir novas informações ou relações e para ampliar e verificar o conhecimento existente. Ressalta que a palavra “pesquisa” tem tido mau emprego, na linguagem comum, em virtude de lhe atribuírem um significado de “consultar” a respeito de alguma coisa e não aquisição de novo conhecimento.

Rosa et al (1989) conceituam a produção científica como um processo de conhecimento de realidade, desvendando as relações existentes entre os fatos que a compõem, buscando a explicação para estes, a estrutura dos processos e os modos de interferência sobre os mesmos. Em relação a importância do exercício da pesquisa no meio acadêmico, Mendes (1991) assinala que essa atividade mantém o pesquisador atualizado, favorecendo o desempenho das funções sociais para os quais a sociedade o remunera.

Vieira, citado por Rosa et al (1989), assinala que o trabalho científico, em sociedades subdesenvolvidas, desempenha duplo papel: promover o avanço do conhecimento e a superação dos modos e condições em que é executado, considerando o contexto contraditório no qual está ligado. Ressalta que, ao explorar a realidade, criando novos instrumentos, num avanço quantitativo e qualitativo, busca condições de realizar o projeto de liberdade da humanidade.

Mendes (1991) associa a utilização da pesquisa pelo enfermeiro a um instrumento que viabiliza a credibilidade e proporciona mais eficiência na sua tomada de decisão. Acrescenta, que em decorrência disso, há um aumento nos controles das intervenções, dos resultados da assistência da enfermagem e na responsabilidade, conferindo credibilidade, poder, controle, que inter-relacionados, constituem a essência do verdadeiro status profissional.

Conforme Westrupp, Carraro, Souza (1994) “a pesquisa é uma das formas pela qual uma profissão se expressa, se estabelece e se desenvolve”.

Almeida et al (1981) referem que no Brasil, a produção científica em enfermagem é recente, tendo cerca de vinte anos com atividade sistemática e regular. Essa produção iniciou na década de 70, com a criação de cursos de pós-graduação, que atendiam um requisito para a qualificação docente, previsto na reforma universitária.

Reverendo a trajetória da Enfermagem Brasileira na produção científica, verifica-se que, nas décadas 30, 40 e 50, as pesquisas eram escassas, provavelmente, em decorrência do processo de multiplicação de serviços por exigência da industrialização, tendo a enfermagem de adequar-se, ampliando a área assistencial.

Em 1932, uma década após a criação da primeira Escola de Enfermagem Ana Néri, foi publicada a primeira revista brasileira de Enfermagem, que até a metade do século abordava a seguinte temática: estudos de casos; recursos de enfermagem; prática de enfermagem em que se focalizava o cuidado ao doente; administração em enfermagem e educação em enfermagem. A maior parte do conhecimento ou informação contida em tais artigos não foi originada de pesquisa, mas sim de experiências pessoais, tradição, autoridade, intuição e empréstimo (Mendes, 1991, p.32).

O desenvolvimento da pesquisa de enfermagem no Brasil tem sido estudado a partir de alguns marcos históricos de referência, reconhecidos nacionalmente e que foram relatados por, entre outros autores, Wright, Paim, Rodrigues (1983); Burlamaque (1987); Mendes (1991); Assis et al (1993).

Rosa et al (1989) apontam como primeiro marco histórico da pesquisa científica no Brasil, o ano de 1956, quando a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) produziu o documento: “Revisão e Necessidades de Enfermagem no Brasil”, por solicitação de organizações estrangeiras, sendo, a principal, a Fundação W. Kellogg’s, em 1954. Esse levantamento foi financiado pela Fundação Rockefeller e seus resultados divulgados no Seminário Didático Internacional sobre o levantamento de Enfermagem, promovido pela Organização Mundial de Saúde, em 1958, em Salvador.

Assis et al (1993) dizem que o segundo marco histórico foi em 1963, com a defesa da primeira tese de Enfermagem no Brasil, por Glete de Alcântara, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que se constituiu no segundo ponto de referência da produção científica da enfermagem brasileira.

O terceiro marco foi em 1964, por ocasião do XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem, que teve como principal tema: “Enfermagem e Pesquisa” (Wright, Paim, Rodrigues 1983); (Burlamaque 1987); (Mendes 1991); (Assis et al 1993).

O quarto marco é representado pelo ingresso da Enfermagem no sistema Nacional de Pós-Graduação por força da Lei da Reforma Universitária (Lei 5540/68) e citado por Wright, Paim, Rodrigues (1983); Burlamaque (1987); Mendes (1991); Assis et al (1993).

O quinto marco foi em 1971, com a criação do Centro de Pesquisa em Enfermagem (CEPEn), entidade com finalidade de coletar dados sobre pesquisa, estudá-los e divulgar os resultados dos mesmos.

Em 1926 foi criada a Associação Brasileira de Enfermagem. Essa associação lançou o primeiro exemplar dos ANAIS para publicação dos temas oficiais dos Congressos Brasileiros.

Em 1972, a Escola de Enfermagem Ana Néri implantou o primeiro curso de Mestrado em Enfermagem no país. Em 1976, foi criada a Revista Gaúcha de Enfermagem e, em 1981, foram publicadas, pela primeira vez, a Revista Paulista de Enfermagem e a Revista Baiana de Enfermagem. Foi, também, instalado o primeiro curso de Doutorado em Enfermagem no Brasil e na América Latina pelas duas Escolas de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

A partir da década de oitenta, com o início da “abertura política” instalada na América Latina e no Brasil, ocorreram discussões ampliadas sobre as diversas tendências do pensamento expressas na pesquisa em enfermagem. Nesse sentido, a produção científica de enfermagem tornou-se objeto de estudo de várias enfermeiras que a analisaram sob diferentes perspectivas (Assis et al 1993).

Em 1985, aconteceu o primeiro Simpósio Brasileiro de Teorias de Enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 1988, ocorreu o primeiro Encontro Inter-Americano de Pesquisa Qualitativa em Enfermagem (Mendes, 1991, p.41)

O fio condutor da história da pesquisa na Enfermagem Brasileira é ainda o surgir, o evoluir e o produzir da pós-graduação, que vem oferecendo, assim, sua contribuição dinâmica para o crescer da Enfermagem e dos enfermeiros do Brasil.

Reportamo-nos ao município de Pelotas, com a criação do Curso de Graduação em Enfermagem, em 1976, e a incorporação da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas à Rede de Pós-Graduação em Enfermagem da Região Sul (REPENSUL), em 1992, como marcos que influenciaram fortemente na produção de conhecimento científico na área da enfermagem no município de Pelotas.

Rosa et al (1989), valendo-se de uma análise marxista, relacionam as dificuldades para implantação dos resultados das pesquisas em enfermagem à apropriação desses instrumentos de trabalho pelo Estado e suas instituições, e ressaltam que estes não serão utilizados se encarecerem o processo de trabalho.

O Congresso Brasileiro de Enfermagem de 1987, aponta como limitações da produção científica dos enfermeiros: falta de disposição para realizar pesquisas por parte de um grande número de docentes, assistenciais e estudantes de enfermagem; inadequada integração entre o ensino e assistência; falta de conhecimento das bases

teóricas utilizadas no ensino da pesquisa em enfermagem nas diferentes escolas; falta de uma política nacional de investigação em enfermagem e a inexistência de um órgão nacional que assuma a responsabilidade de formular políticas que impulsionem a pesquisa em enfermagem.

Entre outros fatores apontados como dificuldades para a realização de pesquisas na enfermagem, alguns autores assinalam a forma fragmentada de como se desenvolve o ensino, desarticulado do processo de trabalho dos enfermeiros; provocando uma ruptura entre os serviços e a docência, afetando a qualidade e quantidade da produção científica e, conseqüentemente, a utilização dos seus recursos na prática. Possivelmente devido a isso, há essa dicotomia entre a pesquisa e a prática, ressaltando-se ainda, o desconhecimento ou a não aplicação por parte dos enfermeiros de investigações em enfermagem.

A esse respeito, Santos, citado por Mendes (1991), tece considerações acerca do fator motivacional que leva o enfermeiro a realizar pesquisas, enfatizando a motivação interna como requisito fundamental para o seu desenvolvimento.

Burlamaque, Becker, Luz (1986) evidenciaram, em estudos sobre produção científica dos enfermeiros do Rio Grande do Sul, que a não solicitação de financiamento para pesquisa reside em aspectos como: desconhecimento dos órgãos financiadores, exigência burocrática por parte desses órgãos e demora na aprovação dos projetos. Ainda, na visão das autoras, certas agências nacionais de financiamento, não têm trazido, muito a público, as suas metas e a forma como atendem as solicitações.

Westrupp, Carraro, Souza (1994) falam do apoio da pesquisa como algo resultando do investimento pessoal e que esse processo precisa ser revertido com o apoio financeiro da sociedade e retorno para a mesma; e, neste sentido, os enfermeiros devem estar preparados para essa mudança, para prestar sua contribuição técnico-científica. Abordando a questão da finalidade, o trabalho da enfermagem ressalta que, na maioria dos estudos analisados, aparece a predominância de tarefas de controle. Ao refletirem sobre esses resultados, apontam que existem condições para os enfermeiros assimilarem uma atividade de educação em saúde, cuja finalidade seria a possibilidade da transformação da consciência ingênua em consciência crítica.

Conforme Haguette (1987) que diz que “o objetivo da devolução dos resultados não é nem a divulgação, nem a sua validação, mas sim pedagógico-político”. É o caso, especialmente, da pesquisa participante, uma pesquisa educacional preocupada em diminuir a tensão entre a geração do conhecimento, centrado no meio acadêmico e a aplicação e o seu uso no cotidiano da vida das pessoas.

Referindo-se à importância do conhecimento produzido, Hara (1986) comenta que: “o conhecimento produzido torna-se um guia para a ação transformadora. A medida em que os sujeitos da pesquisa se apropriam do saber e dos fundamentos metodológicos, garante-se a perspectiva de continuidade do trabalho”.

Complementando, Westrupp, Carraro e Souza (1994) dizem:

é preciso que se tome consciência que a pesquisa está presente na prática da enfermagem e que esta deve abranger os aspectos preventivos e curativos do processo Saúde e doença, cujos resultados obtidos instrumentalizam a própria prática, face ao compromisso com o desenvolvimento da profissão, a melhoria da qualidade de vida da população e o desenvolvimento científico-tecnológico.

No enfoque da utilização dos resultados de pesquisa para a enfermagem, Mendes (1991) considera que a questão da pesquisa em enfermagem merece ser vista sob duas dimensões: o seu significado para a teoria e para a prática. Essa relação entre teoria e prática não tem se dado de uma forma muito adequada pelo entendimento que os enfermeiros assistenciais têm sobre a pesquisa. Ainda, para Mendes (1991):

o reconhecimento de que o processo da enfermagem – enquanto disciplina e enquanto prática – repousa sobre a busca de um conhecimento específico e próprio que se origina e se desenvolve através do processo de pesquisa, cujo resultado precisa ter significado para a prática. Por outro lado, para que esse conhecimento seja útil à prática, ele precisa ser submetido a testes; precisa ser validado no contexto real de enfermagem.

Portanto, na visão da autora, a pesquisa representa a única via de geração, refinamento e expansão do conhecimento em enfermagem.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS NA OBTENÇÃO DOS DADOS

O estudo foi caracterizado como pesquisa de campo descritiva com aplicação de instrumento, cujos resultados foram analisados e computados quanti/qualitativamente, apoiados na revisão de literatura.

Definimos como “produção de pesquisa” os trabalhos resultantes ou não de pesquisas, elaborados sob a forma de artigos científicos, manual de procedimentos, orientações, capítulo de livros, teses, dissertações e relatórios técnico-científicos, excluindo-se as monografias de graduação.

Como estratégia de levantamento de dados, optou-se pela aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, previamente elaborado (anexo I).

O questionário foi aplicado pelos pesquisadores, que foram a todas as instituições de ensino e de saúde, no período de 26 de outubro a 30 de novembro de 1996, respeitando um agendamento prévio com o pesquisado. Salientamos que foram obedecidos os princípios éticos conforme a resolução 196/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Os respondentes foram codificados em escala numérica simples e crescente.

4 MOTIVAÇÃO E PRODUÇÃO DE PESQUISA

Neste tópico, apresentaremos os dados encontrados, na forma de categorização, tabelas e/ou gráficos. Logo a seguir, faremos as discussões e reflexões dos autores. A análise aqui apresentada refere-se aos dados que fazem parte de um estudo maior, desenvolvido pelos mestrados.

Salientamos que as vagas existentes para enfermeiros nas instituições de saúde e ensino são de 168 enfermeiros, entretanto o número real de profissionais é de 155 enfermeiros, tendo em vista que alguns exercem suas atividades profissionais em mais de uma instituição. O total de respondentes foi 148, dos quais 92 enfermeiros são de instituições hospitalares, 20 são de setores públicos ligados a Secretaria de Saúde, 09 são de centros de enfermagem privados e/ou de associações particulares e 27 de instituição de ensino de terceiro grau público. No que se refere ao tempo de formados, dos 148 respondentes, 107 (72,3%) situam-se entre 0 a 11 anos de formado, 34 (23%) correspondem à faixa de 12 a 20 anos de formado e apenas 07 (4,7%) são formados há mais de 20 anos. O maior percentual situado na faixa de 0-11 anos pode estar relacionado com a criação da Faculdade de Enfermagem em 1976.

Os enfermeiros que possuem cursos de pós-graduação em nível de aperfeiçoamento e/ou especialização são em número de 78 (52,55%), 10 (6,75%) possuem mestrado e nenhum dos respondentes tinha doutorado.

Em 127 pesquisas realizadas, 69 (54,33%) pertencem aos enfermeiros de instituições de ensino de terceiro grau e hospitais de ensino; 58 (45,66 %) são de instituições hospitalares privadas e filantrópicas e de Secretarias de Saúde. Evidencia-se que a pesquisa é predominante no meio acadêmico, comprovando o que Almeida et al (1981) ressaltavam, que a produção de conhecimento em enfermagem está ligada à exigência de pós-graduação.

Observamos que ocorreu uma grande concentração de realização de pesquisas a partir do ano de 1993 (70,2%), podendo sugerir uma relação com a implantação da REPENSUL em 1992 e o incentivo à realização de cursos de pós-graduação em enfermagem, com o aumento da produção científica dos enfermeiros.

Assim, apresentamos uma tabela com a distribuição dos motivos de realização de pesquisa:

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS MOTIVOS DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA PELOS ENFERMEIROS DO MUNICÍPIO DE PELOTAS NO PERÍODO 1986 – 1996.

MOTIVO	N.º	%
- Espontâneo, motivação própria	67	51,53
- Exigência de conclusão de curso de pós-graduação	61	46,92
- Solicitação da instituição	10	1,55
- Outros	-	-
TOTAL	138	100,00

No referente ao motivo da realização de pesquisa (tabela 1), sessenta e sete são espontâneos, por motivação própria (51,53%), sessenta e um são por exigência de conclusão de curso de pós-graduação (46,92%), em apenas dez (1,55%) dos 138, o motivo é por solicitação da instituição.

Os dados apresentados indicam que a motivação própria é o fator desencadeador, em maior percentual, como motivo de realização da pesquisa, seguido quase que na mesma equivalência pela exigência dos trabalhos de conclusão na pós-graduação. Quanto à solicitação da instituição, os dados apresentados, nos levam a crer que as instituições empregadoras não estimulam e nem exigem a prática da pesquisa, no seu ambiente de trabalho.

Destacamos, as razões alegadas pelos enfermeiros respondentes sobre a não realização de pesquisas, selecionando-as em quatro categorias: do próprio sujeito; institucional; profissional e categoria academia, que estão explicitadas nas tabelas a seguir.

TABELA 2 – CATEGORIA DO PRÓPRIO SUJEITO

PRÓPRIO SUJEITO	N.º	%
Falta estímulo	7	10,1
Falta de tempo	25	36,2
Falta motivação	13	18,8
Insatisfação pelo trabalho desenvolvido	1	1,4
Falta de interesse	5	7,2
Falta de condições financeiras	6	8,6
Filhos pequenos	1	1,4
Sem motivo específico	3	4,3
Por trabalhar em área hospitalar	1	1,4
Falta de tema interessante	2	2,8
Envolvimento nos trabalhos especializados	1	1,4
Outras prioridades	1	1,4
Inexperiência	2	2,8
Falta de assunto que poderia ser de importância para a profissão	1	1,4
TOTAL	69	100,00

Por categoria do próprio sujeito, entendemos os fatores apontados relativos ao próprio enfermeiro, a si como pessoa. Nessa categoria, encontramos o percentual mais elevado 52,6%, que tem como motivo relevante para a não realização de pesquisa a falta de motivação interna.

As razões alegadas pelo próprio sujeito, suscitam inúmeras indagações, pois como entendermos a falta de motivação e estímulo não é justificada em uma profissão na qual existem tantos motivos e estímulos para pesquisar. Até porque a enfermagem, para Hense, Eckert e Penna (1994): *“é uma profissão eminentemente prática e voltada para a saúde e qualidade de vida das pessoas e que a finalidade de pesquisa não se resume em conhecer, compreender ou propor formas de atuação. Sua finalidade vai além”*.

No item referido “falta de tempo”, podemos inferir que muitos enfermeiros respondentes estão comprometidos com dois empregos, devido aos baixos salários.

Poderíamos considerar, conforme Cocco citado por Monticelli (1994, p.8), que o indivíduo sofreu influência da educação da pedagogia da transmissão, o qual: revela um profissional conformista, com falta de conhecimento da realidade, individualista, não participativo, não cooperativo e que procura manter o *status quo*.

Ainda a este respeito, Santos, citado por Mendes (1991), tece considerações acerca do fator motivacional que leva o enfermeiro a realizar pesquisas, enfatizando a motivação.

TABELA 3 - CATEGORIA INSTITUCIONAL

INSTITUIÇÃO	N.º	%
Não motivação pela instituição	10	25,6
Falta de oportunidade	14	35,8
Desempenho de cargo administrativo e/ou não atuação na assistência	3	7,6
Falta de apoio financeiro	4	10,2
Falta de estrutura	1	2,5
Não liberação de horário para cursos e estudos	2	5,1
Carga horária exaustiva	4	10,2
Limitação da pesquisa somente a médicos e psicólogos	1	2,5
TOTAL	39	100,00

Por categoria institucional entendemos ser todas as razões relacionadas à instituição. Perfazendo um total de 29,7%, esclarecemos que alguns dos enfermeiros respondentes relataram mais de uma razão para a não realização da pesquisa. Destacamos os itens motivação e falta de oportunidade totalizando um percentual de 61,4%.

Nessa vertente, Castilho (1994), referindo-se aos serviços de saúde no que tange a qualificação de seus profissionais, afirma que:

estão mais interessados na produtividade do que na qualidade de seus profissionais e, por isso não proporcionam incentivo à participação destes em cursos de pós-graduação e de pesquisa [...] há falta de incentivo para criação de espaços para os enfermeiros desenvolverem pesquisa durante o seu horário de trabalho.

TABELA 4 – CATEGORIA PROFISSIONAL

CATEGORIA PROFISSIONAL	N.º	%
Desvalorização profissional	1	6,6
Início de carreira	12	80,0
Baixos salários	2	13,3
TOTAL	15	100,00

Como categoria profissional, enquadrámos as causas advindas da profissão dos enfermeiros respondentes, que justificam a não realização de pesquisas, onde obteve-se um percentual de 11,4%.

TABELA 5 - CATEGORIA ACADEMIA

ACADEMIA	N.º	%
Falta de divulgação	3	37,5
Falta de orientação	4	50,0
Desconhecimento de Pós Graduação na academia	1	12,5
TOTAL	8	100,00

Na categoria academia, classificamos as razões alegadas pelos enfermeiros respondentes relacionadas com o ensino de graduação em enfermagem. Nessa categoria, evidenciou-se, um percentual de 6,1%.

Merece destaque o item “outro dado a informar” e que categorizamos em queixas, informações e solicitações. Valemo-nos dos dados contidos nos questionários para esta outra classificação.

Na categoria “queixas” houve 47,5% de referência, da qual destacamos algumas citações:

- massacre dos enfermeiros pelo acúmulo de funções;
- baixos salários;
- falta de apoio do Conselho Regional de Enfermagem para enfermeiros do interior;
- falta de orientação.

Notamos que 47,5% dos enfermeiros respondentes desta categoria queriam “informações” das quais destacamos algumas subcategorias:

- *acúmulo de serviço dificulta a pesquisa;*
- grande interesse pela pesquisa além de saber que a unidade onde se atua é um campo enorme para ativar a pesquisa, mas se encontra em

sérias dificuldades com as diversificadas atividades dos enfermeiros;

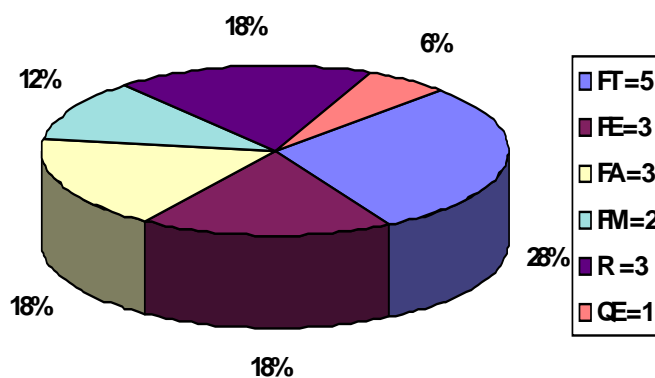
- dúvida se, realizando uma pesquisa em colaboração com médico e residentes, seu nome constará como colaboradora.

Na categoria “solicitações”, houve 10% de referência, das quais citaremos algumas:

- necessidade de apoio técnico e financeiro para realizar pesquisa;
- necessidade de informações para realizar pesquisa;
- desejo de ter maiores informações sobre pesquisas, eventos e congressos.

No que tange aos motivos, referidos pelos enfermeiros sobre a não conclusão das pesquisas, que foram num total de quinze, evidenciam-se seis motivos, dentre os quais, a falta de tempo é o motivo de maior frequência. Apresentamos o gráfico a seguir.

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS MOTIVOS DA NÃO CONCLUSÃO DAS PESQUISAS PELOS ENFERMEIROS DO MUNICÍPIO DE PELOTAS NO PERÍODO DE 1986 A 1996



LEGENDA:

- FT = falta de tempo
- FE = falta de experiência
- FA = falta de apoio
- FM = falta de motivação
- R = remanejamento
- QE = questão ética

Verificamos que a falta de experiência, a falta de apoio e o remanejamento aparecem numa equivalência de igual valor, nos motivos apresentados. Aparece ainda, com frequência bastante reduzida, a falta de motivação. A questão ética, embora numa proporção ínfima, mas de muita significância, pois foi apresentada como motivo para interrupção de uma pesquisa por envolver a situação pessoal de terceiros (o que levou ao pesquisador, nosso respondente, a interromper o seu trabalho).

Evidenciamos que o estudo de campo mantém estreita relação com os referenciados em literatura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu ter uma visão preliminar da produção científica dos enfermeiros de Pelotas -RS, no período de 1986-1996. Mesmo apresentando limitações, seus resultados poderão servir de ponto de partida para outros estudos.

O estudo indicou um predomínio da produção científica nas Instituições Públicas, sendo que 86,15% desta produção se deu nas instituições vinculadas ao Ensino. Esse dado reforça os achados bibliográficos que dizem concentrar-se a produção de conhecimento em enfermagem nos cursos de Pós-Graduação em Enfermagem, mais particularmente, pelos docentes de enfermagem.

A grande concentração de realização de pesquisas ocorreu a partir do ano de 1993 (70,2%), podendo-nos sugerir uma relação desta com a implantação da REPENSUL em 1992 e o conseqüente incentivo aos cursos de pós-graduação em enfermagem.

Isso pode sugerir que a maior parte desta produção científica tem sido desenvolvida por enfermeiros docentes, podendo-se apontar como prováveis razões para este aumento, o estabelecimento pelas instituições de ensino da qualificação e produção científica como critérios para avaliação de desempenho e conseqüentemente numa progressão funcional e incentivo salarial.

Verificamos que a produção de pesquisas está ligada a sujeitos e não a grupos, evidenciando um caráter individual nessa produção e sugerindo a ausência de grupos de pesquisa. Pode-se refletir, ainda, quanto à questão de financiamentos pelas Instituições Governamentais no sentido de que, geralmente, as verbas destinadas à pesquisa voltam-se mais aos grupos oficiais de pesquisa do que a pessoas, individualmente.

Ainda assim, em Pelotas, observa-se uma elevada produção científica dos enfermeiros, se considerarmos o número reduzido de profissionais com formação para a pesquisa.

Dentre os fatores apontados pelos enfermeiros como dificuldades para a realização de suas pesquisas foram principalmente as do próprio sujeito, apontando a falta de tempo, (36,2%) e falta de motivação com 18,8%, o que é destacado na literatura, enfatizando a motivação interna como requisito fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Toda a análise feita até o momento refere-se diretamente aos resultados obtidos com a pesquisa realizada.

Finalizando, consideramos importantes, no sentido de ampliar os resultados deste estudo, que:

- a) seja reeditado quando a REPENSUL estiver completando 10 anos de incremento e incentivo à produção científica na enfermagem;

- b) os dados sejam analisados qualitativamente, de onde poderão surgir novas e ricas informações sobre cada tema pesquisado;
- c) haja estímulo à abertura e/ou criação de novos espaços para a publicação destes trabalhos;
- d) as instituições privadas possam ser motivadas a abrirem mais espaços para a realização de trabalhos de pesquisa por enfermeiros;
- e) haja maior investimento na qualificação dos enfermeiros assistenciais, ampliando as suas oportunidades de ingresso nos cursos de pós-graduação;
- f) se estimule a criação de grupos de estudos e núcleos de pesquisa em enfermagem, com liberação de carga horária e financiamento através de órgãos oficiais;
- g) que a Universidade seja efetivamente um centro estimulador da produção científica já na graduação, atuando como um agente transformador na sua prática.

ABSTRACT: Study about of nurses' research production motives in Pelotas city-RS in the period 1986-1996. The methodology used was questionnaire. The results give evidence of a close relation with the reviewed literature.

KEY WORDS: Nursing; Nurses; Motivation; Nursing research.

REFERÊNCIAS

- 1 ALMEIDA, M.C.P. et. al. A produção do conhecimento de pós-graduação em enfermagem no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 23, 1981, Manaus, **Anais...** Manaus: Associação Brasileira de Enfermagem, 1981. p. 119 – 27.
- 2 ASSIS, M. M. A. et al. Produção científica de enfermagem na região Nordeste (1988 – 1992). **Rev. Latino-Am. Enferm.** Ribeirão Preto, v. 1, n. esp., p. 85 – 102, dez. 1993.
- 3 BURLAMAQUE, C. S. Publicações e difusão do conhecimento em enfermagem no Brasil. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v.40, n.4, p.241-245, 1987.
- 4 BURLAMAQUE, C. S.; BECKER, H. M. F.; LUZ, A. M. H. Avaliação da produção científica dos enfermeiros do Rio Grande do Sul. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 157-179, jul. 1986.
- 5 CASTILHO, V. Necessidade de programa de pesquisa no serviço de enfermagem. **Rev. Paul. Enferm.** v. 13, n. 1/3, p. 13 -15, jan./dez. 1994.
- 6 CÓDIGO DE ÉTICA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM. In: **Legislação.** Conselho Regional de Enfermagem, Porto Alegre (RS), 1998.
- 7 COCCO, M. I. M. O enfermeiro e o ensino não formal em saúde na abordagem teórica. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v.41, n.1, p.50-55, jan./mar.,1988.
- 8 ELSÉN, I; NITSCKE, R. G. Pós-graduação, pesquisa e ética: um tema acima de qualquer questionamento. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 7-19, jul./dez. 1994.

- 9 HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- 10 HARA, O. **La aplicacion del metodo dialetico en la investigacion y en la educacion popular**. São Paulo: PUC. 1986. Apostila do Curso de Pesquisa Participante do Programa de Pós-Graduação em Educação.
- 11 HENSE, D. S.; ECKERT, E. R.; PENNA, C. M. M. A devolução dos resultados de pesquisa: uma questão de cidadania. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 92-101, jan./jun. 1994.
- 12 MENDES, I. A. C. **Pesquisa em enfermagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- 13 MONTICELLI, Marisa. As ações educativas em enfermagem: do senso comum ao bom senso. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 7-16, jul./dez. 1994.
- 14 ROSA, M. T. L. et al. O Desenvolvimento técnico-científico da enfermagem – uma aproximação com instrumentos de trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM. Florianópolis. **ANAIS...** Florianópolis, 1989. p. 97-126.
- 15 RUMMEL, F. J. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Globo, 1972.
- 16 WESTRUPP, M. H. B.; CARRARO, T. E.; SOUZA, M. L. A pesquisa na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 128 – 136, jan./jun. 1994.
- 17 WRIGHT, M. G. B.; PAIM, L.; RODRIGUES, K. H. **Avaliação e perspectivas**. Brasília: CNPq, 1983 Ciências de saúde, 6, Enfermagem, 38.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. SEMINÁRIO NAC. DE PESQ. ENF., 8^o, 1995, Ribeirão Preto. **Programa e Resumos**. Ribeirão Preto: Associação Brasileira de Enfermagem, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1995.

Endereço dos autores:
Avenida Fernando Osório, 5193
96065-000 - Três Vendas - Pelotas - RS
E-mail: eda@conex.com.br

ANEXO 1

A PRODUÇÃO DE PESQUISA DOS ENFERMEIROS DE PELOTAS-RS NO PERÍODO DE 1986 À 1996

NOME:

Enfermeiro n.º

Instituição:

Tempo de formado:

Curso de Pós-graduação:

- () aperfeiçoamento
() especialização
() mestrado
() doutorado

1. Sobre a pesquisa no período de 1986 a 1996

- () realizou n.º
() não realizou
() em andamento n.º
() iniciou e não concluiu n.º

Qual o tema de cada pesquisa?

Quanto tempo levou para concluir a(s) pesquisa(s)?

Se em andamento, há quanto tempo?

Ano: Instituição em que realizou a(s) pesquisa(s):

Em caso de não conclusão, qual(is) o(s) motivo(s)?

2. Quanto ao(s) motivo(s) da realização da pesquisa:

Motivos n.º de trabalhos

- () espontâneo, motivação própria ()
() exigência de conclusão de curso de pós-graduação. ()
() solicitação da instituição ()
() outros. Quais?

3. Sobre a divulgação das pesquisas concluídas:

- () publicado em meio científico
() revista n.º
() anais n.º
() livro n.º
() capítulo de livro n.º
() outro n.º

Qual?

() apresentado em eventos. Qual(ais)?

() divulgada no local de trabalho

De que forma?

Qual a população atingida?

- () outros. Qual(ais)?
() não publicado e não apresentado

4. Sobre a utilização dos resultados da pesquisa:

Estão ou foram utilizados? () sim () não () não sei

Em caso afirmativo, por quem?

5. A(s) sua(s) pesquisa(s) modificou(aram) ou implementou(aram) a organização, a prática assistencial e/ou o setor de saúde de sua instituição e/ou município?

() sim () não

De que forma?

6. No caso de não ter realizado pesquisa neste período, quais as razões?

7. Algum outro dado que gostaria de informar?

Para o respondente:

Estou ciente dos objetivos da pesquisa explanados pelo entrevistador, e de que terei acesso aos resultados da mesma. Aceito responder ao presente instrumento, autorizando inclusive as publicações dos dados em todos os veículos de comunicação científica e eventos pertinentes, desde que preservado meu anonimato como respondente.

Pelotas, de de 1996.

Nome:

Assinatura: